H. 9
5801

2ª

PROBLEMA ACADEMICO E HISTORICO,

EM QUE SE PROPOE

QUAL FOI MAIOR O CASO

[illegible]

[illegible] D. JOAM IV. [illegible]

E se resolve pela seguinte [illegible]

OFFERECIDO

A SANTISSIMA VIRGEM

MARIA N. SENHORA,

PRESENTADA COM O TITULO

DA ESPERANÇA

[illegible] Academicos Olympicos [illegible]

[illegible] de Coimbra,

SOBRE O AUTOR

O P. ANTONIO RODRIGUES DE ALMADA

[illegible] Capellão

[illegible]

[illegible] PORTUGUEZA

[illegible] de Coimbra,

[illegible]

LISBOA OCCIDENTAL

[illegible]

Ic
2
29

PROBLEMA ACADEMICO, E HISTORICO,

EM QUE SE PROPOEM:

QUAL FOY MAYOR ACÇAÕ

em os Portuguezes, se o Valor, com que acclamaraõ o Senhor Rey D. JOAM IV. *se a Prudencia com que o seguiraõ?*

E se resolve pela segunda Parte.

OFFERECIDO

A' SANTISSIMA VIRGEM

MARIA N. SENHORA,

VENERADA COM O TITULO

DA ESPERANÇA,

Singular Protectora dos Academicos Ulyssipponenses na Universidade de Coimbra,

POR SEU AUTOR

O P. ANTONIO RODRIGUES DE ALMADA,

Bacharel formado na Faculdade dos Sagrados Canones, e Capellaõ da Casa de Sua Magestade,

QUE O RECITOU

NA ACADEMIA LATINA, E PORTUGUEZA dos Applicados, na mesma Universidade de Coimbra, a 14 de Março do Anno de 1740.

LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina dos Herdeiros de ANTONIO PEDROZO GALRAM.

M. DCC. XLI.

Com todas as licenças necessarias.

DA LIVRARIA

St. K. C. 6.

A' SANTISSIMA VIRGEM

MARIA

NOSSA SENHORA.

Venerada com o titulo

DA ESPERANÇA.

SOBERANA SENHORA: *saõ taõ forçoſas as razões do meu empenho, que nem ainda a diſtancia do lugar me prohibe dedicar nas voſſas aras eſte peque-*

pequeno ſacrificio, lembrado de que na voſſa Eſperança alcancey as primeiras luzes, com que agora diſcorrò em voſſo obſequio. Aquellas naſceraõ da voſſa admiravel influencia, que, como Sol, a todos, os que devotamente vos procuraõ, illuſtrais; agora razaõ he, que outra vez buſquem o lugar, donde procederaõ: à maneira dos rios, que trazendo origem do mar, correm ao meſmo mar apreſſados, e nunca eſquecidos daquelle primeiro beneficio. Eſtimara que a materia deſte meu trabalho foſſe em tudo taõ relevante, que ſerviſſe de deſempenho ao meu agradecimento: porèm entendo, que ſerà, propondo-vos nella aquelles Heroes Portuguezes, os quaes fundados na razaõ, e na juſtiça alcançaraõ os premios do mais bem merecido louvor. Quanto amim, poderieis eſcuzar-vos da offerta, reflectindo no meu pouco merecimento: porèm a voſſa benigna, e Soberana Mageſtade, que ſerena o ar, que illumina o Mundo, que dá reſplandores ao Sol, me propoem com infinitos exemplos, que na voſſa Eſperança tenho certo o mais ſeguro, e benevolo patrocinio. Eſte, Senhora, he o motivo, porque me arrojey a offerecer-vos eſte Problema cheyo de tantos defeitos, pondo-o aos voſſos pés, como eterno

monu-

monumento, em que vos dedico os meus eſtudos: e naõ ſerá facil, Immaculada Princeza do Empyreo, que com eſte ſeguro deſiſta da empreza, alcançando na voſſa benignidade deſculpa todos os meus erros, o que talvez naõ acharey na ſevera Critica, cõ que o Mundo coſtuma julgar, ou por inveja, ou por emulaçaõ, os Eſcritos alheyos.

O mais indigno do nome de Servo voſſo\

O P. Antonio Rodrigues de Almada.

AD

AD SAPIENTISSIMUM VIRUM
P. ANTONIUM RODERICUM
DE ALMADA,

EPIGRAMMA.

EXit in optatam doctiſſima Concio lucem,
Quam puto vel Plinî, vel Ciceronis opus.
Lingua, diſerta licèt, laudi nihil obſtat: utrumque
Credimus ore tuo Lyſia verba loqui.

Amicus ex C.

Alexander Prudentius Pereira de Mello,
Advocatus Domûs Supplicationis.

Ao

Ao R. P. Antonio Rodriguez de Almada, dando à luz a ſua Oraçaõ Problematica,

SONETO.

FOrmoſa deſcripçaõ, goſtoſa hiſtoria,
Eſſas grandes acções do mór portento,
Dilatada porçaõ do entendimento,
Narrativa feliz de huma vitoria:

Qual dellas dé mais paſmos á memoria,
Era nobre queſtaõ: mas voſſo alento
As proezas unio no meſmo aſſento,
Sem negar a cada huma a ſua gloria.

A nobre Athenas teve eſſa ventura,
Ouvindo diſcutir: fruſtrado empenho,
Que em Vós a locuçaõ he formoſura.

Nem podera melhor o deſempenho,
Em tamanhas acções, na eſtampa pura,
Gravar gloria mayor, que o voſſo engenho.

Do mais verdadeiro amigo,

O P. Antonio de Mattos dos Santos,

Bacharel formado na Faculdade dos Sagrados Canones.

LICENCAS:

DO SANTO OFFICIO.

CENSURA DO R. P. M. Fr. ANTONIO de Santa Maria, Ex-Prior do Convento da Boa-hora dos Agoſtinhos Deſcalços, Qualificador do Santo Officio, Examinador das Tres Ordens Militares, e do Priorado do Crato, &c.

EMINENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

ESTá taõ elegante eſta Oraçaõ Academica, que recitou, e pertende dar ao prèlo o P. Antonio Rodrigues de Almada, formado nos Sagrados Canones, que bem moſtra o relevante engenho, e talento, com que taõ primoroſamente a ſoube polir. As obras naõ avultaõ tanto pela materia, e fórma, porque podem ſer eſtas precioſiſſimas, e reſultar hum artefacto rude, e indigeſto; mas ſim pelo aſſeyo, com que ſe ſabem exornar. Exornou a ſua Oraçaõ eſte Orador cõ taõ vaſtas noticias, reveſtio-a cõ taõ elegantes fraſes, adornou-a com taõ excellentes figuras, que já a fama nos naõ atroa com os Ciceros, nem o applauſo nos eſtremece com os Demoſthenes; e ainda que aquelles foraõ os pri-

primeiros aſſombros da eloquencia, ſemelhante á do Autor deſta Oraçaõ naõ ha ſegunda. Naõ aprendeo de Cicero, nem imitou a Demoſthenes: toda a elegancia, com que brilha, he ſó fecunda producçaõ da ſua muita agudeza. Todos a devem conhecer, e eſtimar, com aquelles quilates, com que incanſavelmente neſta obra a patentea: e naõ ha para que canſar o eſtudo na liçaõ de Plinio, ſe neſte Panegyrico temos hum elogio, que pòde ſervir de mayor recreaçaõ, e aſſombro aos eſtudioſos eruditos, em tudo conforme com a noſſa Santa Fé, e bons coſtumes. Pelo que ſe faz digno da licença, que pede para ſe eſtampar. Voſſa Eminencia Reverendiſſima mandará o que for ſervido. Lisboa Occidental, Convento da Boahora dos Agoſtinhos Deſcalços, 19 de Dezembro de 1740.

Fr. Antonio de Santa Maria.

CENSURA do R. P. M. Fr. MANOEL Coelho, da Ordem dos Prègadores, Preſentado em Santa Theologia, Qualificador do Santo Officio, &c.

EMINENTISSIMO SENHOR.

A Oraçaõ Problematica, que quer dar á eſtampa o Padre Antonio Rodrigues de Almada, vi por ordem de Voſſa Eminencia. Nada contèm contra noſſa Santa Fé Catholica,

ou bons Coſtumes, e me parece digna da licença, que pede. Voſſa Eminencia mandará o que for ſervido. S. Domingos de Lisboa, 4 de Janeiro de 1741.

Fr. Manoel Coelho.

VIſtas as informações, pòde-ſe imprimir a Oraçaõ Problematica, que ſe apreſenta; e depois de impreſſa tornará para ſe conferir, e dar licença que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental, 10 de Janeiro de 1741.

Fr. Rodrigo Alancaſtre. Teyxeira. Sylva. Soares. Abreu.

DO ORDINARIO.

PO'de-ſe imprimir a Oraçaõ Problematica, que ſe apreſenta; e depois de impreſſa tornará para ſe conferir, e dar licença para que corra. Lisboa Occidental, 11 de Janeiro de 1741.

Gouvea.

DO

CENSURA DE FILIPPE JOSEPH da Gama, Academico da Academia Real da Hiſtoria Portugueza, &c.

SENHOR:

VI por ordem de V. Mageſtade a Oraçaõ Problematica, que o Padre Antonio Rodrigues de Almada, Bacharel formado na Faculdade dos Sagrados Canones, e Capellaõ da Caſa de Voſſa Mageſtade, recitou na Academia Latina, e Portugueza dos Applicados: e me parece muito digna de licença para ſe dar á luz publica. Neſta Obra ſe faz o Autor benemerito da Patria, pois refere as memorias daquelle ſuſpirado dia, em que os Portuguezes reſtituiraõ o Sceptro do grande Imperio Luſitano á Sereniſſima Caſa de Bragança. Tudo foraõ ſoberanos effeitos do poder Divino. Porque ſe Chriſto Senhor Noſſo o fundou no Campo de Ourique, apparecendo na Cruz entre reſplandores ao Santo, e glorioſo Rey D. Affonſo I.; depois o reſtaurou, como o tinha promittido a eterna verdade da ſua palavra, com o braço direito deſencravado, e pendente. Eſte heroico exemplo da mais valeroſa fidelidade, taõ illuſtre,

que naõ achamos outro em todas as nações, que ſe lhe poſſa comparar, vemos excedido neſte Diſcurſo pela prudencia das acções politicas, e militares, que tanto ennobreceraõ o reinado do inclyto Reſtaurador da noſſa liberdade, o Senhor Rey D. JOAM IV. concorrendo aſſim a piedade, a obediencia, e as victorias, para que o dia primeiro de Dezembro do anno de mil ſeiscentos e quarenta foſſe eternamente feliciſſimo, entaõ, agora, e nas idades futuras, para os Vaſſalos deſta Coroa. Taõ grande he o aſſumpto deſta Oraçaõ, que devendo celebrar-ſe repetidas vezes, para termos ſempre freſca a ſua memoria, e a ouvirmos atroar o Mundo nos clarins da fama; o deixamos já como em veneraçaõ da ſua meſma grandeza, e tambem dos Eſcritores, que tanto o illuſtraraõ em multiplicados volumes no ſeculo paſſado. Porém hum taõ Sabio Academico naõ ſe deixou vencer deſte reſpeito, ou cobardia: animaraõ-no os ſeus largos eſtudos, e começou neſta glorioſa empreza a igualar-ſe com os grandes homens do noſſo Portugal: que eſte he o unico meyo, que tem o fragil, e caduco da vida humana para immortalizar-ſe, e viver com ſumma felicidade entre os reſplandores do Firmamento.

Muitos ſeraõ os applauſos, que eſte Problema conſeguirá ao Padre Antonio Rodrigues de Almada. Já por ſer elle taõ verſado nas Hiſtorias do Reyno, e ſabellas com tanta exacçaõ. Já por fazer uteis, com tanto aproveita-

veitamento, as horas em que ceſſava nos eſtudos Canonicos das Decretaes, e das Clementinas. Já por ſer ouvido em huma Univerſidade, que eſcolheo para theatro das ſuas letras; da qual diſſe o eloquentiſſimo Jeſuita Perpiniano, que tendo viſto o melhor da Europa, ella era o mais famoſo emporio das Sciencias: nem ſe lhe podia comparar alguma das muitas, que floreciaõ na Italia. E já finalmente, porque podia eſtampar eſta Oraçaõ no idioma Francez, que ſabe taõ exactamente, que nos quiz dar a ler o Telemaco de Fenelon, como já o fizera o Doutor Thomaz Ayres Pereira de Caſtro, de que o P. Barboſa nos dá noticia; e tendo traduzido dezanove livros daquella obra, naõ continuou os ultimos cinco, por ſaber, que corria impreſſa em Caſtelhano: ainda que eſte naõ era baſtante motivo para ſuſpender a penna, pois vay ſeguindo com tanta energia, e com termos taõ proprios do noſſo idioma o Original do Arcebiſpo de Cambray, que elle, e a traducçaõ differem ſómente nas vozes. Mas eſte incanſavel Eſcritor, ainda que tenha deſculpa na vaidade dos tempos, nunca fez ſemelhante aggravo á lingua Portugueza, antepondo algum idioma Eſtrangeiro á ſua natural elegancia, e mageſtade: como quem conhece os ineſtimaveis, e copioſiſſimos theſouros, que ella herdou para nòs, da eloquencia Latina, pois he a ſua filha primogenita. Eſta attençaõ, quanto a mim, he hũ dos ſeus mayores louvores, que naõ devia paſſar em ſilencio; e aſſim o vemos re-

Perpinian. Orat. 18. ad Pariſien. pag. 496 Colon. Agrip. apud Henningium & Demenium, an. 1661.

P. Barboſ. in Archiathenæo Luſit. pag. 174. n. 173.

Bernard. no Lima, Cart. 21. pag. 93. Lisboa, por Lourenço Crasbeechk. 1633.

recomendado entre os elogios do grande Antonio Ferreira, de quem diſſe o ſuaviſſimo Bucolico do Lima, Diogo Bernardes:

Verey com ſeccos olhos ſecca a vea,
Que dando à Patria tantos verſos raros,
Hum ſó nunca lhe deu em lingua alhea?

E porque em nada ſe offendem as Regalias, me parece que ſe deve conceder a licença pedida, para que imprimindo-ſe eſte Diſcurſo Academico, ſe dilate cada vez mais no Mundo litterario a gloria da Patria, e ſe faça mais conhecida nelle a erudiçaõ, e eloquencia de quem taõ doutamente o eſcreveo. Eſte he o meu parecer. V. Mageſtade mandará o que for ſervido. Lisboa Occidental, 16 de Janeiro de 1741.

Filippe Joſeph da Gama.

Que

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario: e depois de impreſſo tornará á Meſa para ſe conferir, e taxar, e dar licença para que corra, e ſem iſſo naõ correrá. Lisboa Occidental, 17 de Janeiro de 1741.

Pereira. *Teyxeira.*

PRO-

PROBLEMA ACADEMICO, E HISTORICO,

EM QUE SE PROPOEM:

QUAL FOY MAYOR ACCÃO em os Portuguezes, ſe o Valor, com que acclamaraõ o Senhor Rey D. JOAM IV. *ſe a Prudencia, com que o ſeguiraõ?*

QUEM naõ admirará, Eruditiſſimos Senhores, diſputar o Valor com a Prudencia! Duas virtudes, que militaõ debaixo de differente diſciplina, naõ podem igualmente competir ſobre a vitoria. Se Minerva figurada na Prudencia,

a lar-

largaſſe a penna, e tomaſſe a lança; deixaſſe a toga, e veſtiſſe o arnez, e em lugar da coroa puzeſſe o capacete, entaõ mais propriamente ſeria feliz competidora do meſmo Marte guerreiro, e cuberto de armas: mas huma Deoſa toda applicada a enſinar as ſciencias, que eſtas foraõ as altas obrigações do ſeu naſcimento, e iſto naõ entre os eſtrondos da guerra, mas naquelle admiravel, e pacifico ocio, que coſtuma fazer bemaventurados aos homens; he ſem duvida, que havendo tanta differença entre a Prudencia, e o Valor, mal podem competir eſtas duas virtudes, quando o esforço de Marte, parece que triunfa das ſabias applicações de Minerva. A caſa da Sabedoria naõ he o meſmo, q̃ os arrayaes: neſtes ve-ſe brandir a lança, e empunhar a eſpada: naquella diſcorrer com profunda erudiçaõ. Neſtes he ſó a diſcordia, aquella cruel inimiga dos homens, a que dirige os ſeus alumnos aos empregos marciaes; naquella tanto a concordia, como a paz encaminhaõ os ſeus illuſtres applicados ás bellas letras.

Para o Valor altercar emulações com a Prudencia, aquella digo meſtra da vida humana, e que conſtitúe hum Heróe verdadeiramente ſabio, havia de deixar o animo feroz,

roz, de que ſe reveſte, pelas delicias do deſcanço. Aſſim he que contenderaõ em todo o tempo os inſignes profeſſores da Encyclopedia: e ſenaõ, acolhei vos á ſombra daquelles frondoſos boſques de Academo, e alli vereis como diſputavaõ pacificamente os melhores Sabios do Mundo. Ovidio quando deſterrado no Ponto, entaõ era mais bem ouvido, e conſultado dos amigos; tal vez, porque já livre dos tumultos populares, e do palacio do Ceſar, ficava mais apto para os exercicios da ſua Muſa. Cicero, a cuja eloquencia deve mais Roma, que ás armas de Ceſar, e de Pompeo; porque eſtes deſtruiraõ-na, e aquella conſervou-a tantas vezes deſtruida: no retiro da ſua Acadèmia, e na preſença daquelle prudentiſſimo Magiſtrado tratava, e reſolvia as materias mais importantes da Republica. Se olharmos para Diogenes, o Cynico, ainda quando metido na ſua tina, q̃ a muitos parecerá inercia, a outros louvavel ocio; alli o veremos acompanhado de muitos diſcipulos, a quem enſinava os dogmas da doutrina Eſtoica, e Peripatetica: e até o meſmo Alexandre alli o viſitou para o eſcutar como Oraculo. Em fim era maxima dos Sabios prudentes apartarem-ſe dos tumultos, muito

principalmente naquellas occaſioens, em que aprendiaõ, ou enſinavaõ. Mas naõ he eſta a maxima do Valor: onde tudo he deſaſſocego, naõ ha lugar de haver deſcanço: onde ſe accende a guerra, tudo ſaõ diſcordias. Seguir o Valor os dictames de Minerva, ao meſmo tempo, que exercita os colericos impetos de Marte, couſa he taõ repugnante, que a meſma razaõ o eſtá contradizendo; pois o meſmo, que nos encaminha a ſeguir os dictames da propria profiſſaõ, nos exclue da alheia.

Entrou Annibal na Eſcola de Formiaõ, e deixando o Filoſofo a doutrina Peripatetica, que enſinava, diſcorreo largamente ſobre a diſciplina militar; mas foy cenſurado pelo grande Capitaõ, julgando o por menos prudente em meterſe a diſcutir em huma arte, que ſó ſe aprende na campanha, tendo a experiencia por meſtra. E ſendo iſto aſſim, hoje quizeſtes, Senhores, que o Valor competiſſe ſobre a primazia com a Prudencia; tal vez, porque já antigamente contenderaõ no campo Grego Ulyſſes, e Aiax, hum eloquente, e outro valeroſo. Todo o empenho do Valor ſerá moſtrar em como pela parte dos Portuguezes alcançou mayor gloria na Acclamaçaõ do Senhor Rey D. JOAM o IV. do q̃ a Pru-

Cic. lib 2. de Orator.

a Prudencia, com que eſtes o ſeguiraõ no ſeu feliciſſimo reinado. Ouçamos primeiro os fundamentos, com que elle pertende alcançar a coroa, e logo ſeguiremos a parte da Prudencia, ainda que impropria aos meus eſtudos: e ao voſſo arbitrio ficará decidir, qual ſe faça mais louvavel, e poſſa cantar a vitoria.

O Valor he o q̃ anîma aos homens a acometter grandes emprezas, e os perſuade a tolerar grandes trabalhos. Entre a froxidaõ, e a temeridade tem eſta virtude o ſeu auguſto throno, moderando a potencia iraſcivel, e ſeguindo quanto aconſelhaõ as leys da generoſidade. Naõ teme quando convem fiar-ſe, e naõ ſe fia, quando convem temer: ao contrario da cobardia, que a nada ſe anîma, e da temeridade, que a tudo ſe arroja. Nos perigos, que ſe offerecem, aquella naõ tem olhos para couſa alguma, eſta com os ſeus meſmos olhos ſe cega: mas o Valor mede as occaſiões, e o tempo; porque todo o ſeu projecto he ficar com honra, e ſahir glorioſo. Eſte he o Centimano, e o Argos, melhor do q̃ o fabuloſo paſtor de cem olhos: cõ a viſta incíta em ſi proprio aquella ſingular paixaõ, que depois felizmente executa para aſſombro, e admiraçaõ das gentes. Eſte fez a hum Alexandre ſe-

nhor

nhor de todo o Mundo, a hum Annibal terror das Aguias Romanas, a hum Ceſar vencedor de Pompeo, e atè ás meſmas feras infunde eſpiritos generoſos. Em fim elle he o que aſſegura Reynos, e deſtroe Imperios. Primeiro eſteve com os Caldeos, depois com os Perſas, logo com os Gregos, depois com os Romanos, fazendo-os famoſos, e memoraveis. Elle arruinou os muros de Babylonia, e defendeo por tantos annos a fraca muralha de Roma antes da reedificaçaõ de Auguſto, porque coſtuma dar ao barro eternidades de duraçaõ. Exaqui o que he o Valor: por iſſo as mais virtudes louvaõ-ſe com hieroglyficos, mas a do Valor com eſtatuas. Os Romanos, que melhor ſabiaõ diſtinguir os merecimentos, aos que ſe ſingularizavaõ na virtude davaõ premios, e ſó aos feitos militares offereciaõ coroas: e com razaõ, porque parece q̃ ſó eſta virtude naſceo para ſenhorear o Mundo, e ſe mais Mundos houvera lá chegara. Eſte foy o motivo, porque os antigos fabulizaraõ a Jupiter com tres rayos, que mal podia ter dominio ſobre os Deoſes, quem o naõ tiveſſe ſobre o Valor: e tanta he a mageſtade daquella virtude, q̃ ſendo a terra curto hemiſferio para o ſeu merecimento, atè no Ceo ſe oſtenta glorioſa.

Eſtas

Eſtas ſaõ as excellencias daquella virtude: porém como ellas ſe exprimaõ mais pelo particular, que pelo commum, aſſim como para virmos no conhecimento de hum compoſto perfeito baſta examinarmos qualquer das ſuas partes, day attençaõ ao Valor, que quer ponderar huma das acçõeſ mais illuſttes dos Portuguezes, taõ grande que entendo he baſtante para que vòs lhe julgueis o premio: e ainda que ella he mais para admirada, com tudo corra a pena aonde coſtuma emmudecer a lingua, que o ſilencio nem ſempre he racionavel, ás vezes coſtuma ſer hum injuſto tyranno da razaõ.

Sojeitos os Portuguezes à Coroa de Caſtella pelo largo eſpaço de ſeſſenta annos, que tantos governaraõ os tres Filippes, determinaraõ expellir-ſe por huma vez daquelle taõ importuno, e peſado jugo; e querendo pôr por obra aquillo meſmo, que muito tempo antes tinhaõ entre ſi confederado, naõ obſtante as temerozas conſequencias, que ſe poderiaõ ſeguir, que eſtas ſaõ mais receyo de cobardes, que de animos generoſos; ſe reſolveraõ ajuntar para eſta glorioſa acçaõ os Fidalgos mais amantes da patria, Heróes de quem a Divina Providencia confiou os

mais

mais ajuſtados meyos da noſſa liberdade. E ouvidas que foraõ as horas, que tinhaõ juſto para dar principio à nova empreza, movidos todos, e cada hum por ſi do valeroſo impulſo, que lhe palpitava nas veyas, ſe apearaõ das carroças, e ſem demora avançaraõ ao Paço. Jorge de Mello, Antonio de Mello de Caſtro, e Eſtevaõ da Cunha com alguma gente, que o ſeguia, detiveraõ os ſoldados Caſtelhanos, que eſtavaõ de guarda. D. Miguel de Almeida, que era o Hercules daquella empreza, ſobio à ſala dos Tudeſcos, e alli diſparou hum tiro de piſtola, ſinal que os confederados tinhaõ determinado para ſe repartirem aos ſeus poſtos. Joaõ de Saldanha de Souſa, e Luiz de Mello, Porteiro mòr, cõ outros Cavalheiros, ganharaõ logo o lugar onde coſtumavaõ arrimar as alabardas os archeiros Alemães, e as lançaraõ por terra, naõ lhe dando lugar a tomallas. Alguns delles intentaraõ defender a porta, aonde faz o corredor, que confina com o Forte; porém acometidos valeroſamente de Pedro de Mendoça, e de Thomé de Souſa, a deſampararaõ: a outra, que hia para o quarto da Princeza D. Margarida de Auſtria, Duqueza de Mantua, que governava o Reyno, tomou à ſua conta Luiz Godinho

Bena-

Benavente, criado de Sereniſſimo Duque de Bragança, e algumas peſſoas, que o acompanharaõ, na qual achando reſiſtencia, uſou daquelles meyos, que eſcuſaõ do homicidio ao aggreſſor em juſta guerra, matando a hum dos Tudeſcos, e ferindo a outro. Animava a todos D. Miguel de Almeida: e era para admirar, que já na ultima idade conſervaſſe os eſpiritos, e o valor, que o alentavaõ ainda quando robuſto mancebo, gritando com a eſpada na maõ a altas vozes já dentro do meſmo Paço, já pelas janellas, liberdade Portuguezes, viva ElRey D. JOAM o IV. Arrebatados de igual furor, buſcando a caſa de Miguel de Vaſconcellos, Secretario de Eſtado d'ElRey Filippe em Lisboa, entraraõ pelo corredor dentro D. Antonio Tello, Ayres de Saldanha, D. Alvaro de Abranches, D. Joaõ de Sá de Menezes, o Conde d'Atouguia, ſeu Irmaõ D. Franciſco Coutinho, Triſtaõ da Cunha de Atayde, ſeus filhos, e ſeu genro D. Manoel Childe Rolim, e encontrando neſte tempo a Franciſco Soares de Albergaria, Corregedor do Civel da Corte, lhe intimaraõ, e perſuadiraõ a que eſtiveſſe pela ſuavidade de taõ alegres vozes: porèm reſiſtindo indiſcreto àquella juſtificada perſuaſaõ, cahio fulminado

à violencia de hum tiro. Entraraõ depois pelo apoſento do Secretario de Eſtado, objecto em quem todos intentavaõ ſatisfazer a ſua vingança, por ſer origem de tantos delictos: e achando-o em hum almario da Secretaria, onde ſe tinha eſcondido, Antonio Tello o acometteo com huma piſtola, e recebendo outras feridas mortaes o lançaraõ meyo morto de huma janella, q̃ cahe para o Terreiro do Paço, onde expoſto aos opprobrios da plebe, lhe fizeraõ as mayores injurias, e lhe dariaõ ainda mais tyranna morte, ſe lhe reſtaſſe nova vida. Executada eſta acçaõ, que por muitos motivos era de juſtiça, em Miguel de Vaſconcellos; a poucos paſſos em huma das caſas interiores àquella acharaõ o Capitaõ Diogo Garcez, que naõ contente com aquelle alvoroço, diſparou huma cravina ſem offenſa de algum dos Cavalheiros: mas logo o enveſtiraõ, e lhe fizeraõ algumas feridas, obrigando-o a que ſe lançaſſe de hũa janella, eſcapando com huma perna quebrada. Neſte tempo mais ſatisfeitos os felices Libertadores da Patria pela morte do Secretario, que por outra qualquer acçaõ, que houveraõ executado; para coroa dos ſeus bem ordenados intentos quizeraõ tentar o animo da Duqueza,

e para

e para iſſo ſobiraõ ao ſeu quarto o memoravel D. Miguel de Almeida, D. Fernando Telles de Menezes, D. Joaõ da Coſta, Thomé de Souſa, D. Antonio Luiz de Menezes, ſeu Irmaõ D. Rodrigo de Menezes, Martim Affonſo de Mello, D. Carlos de Noronha, Antonio de Saldanha, D. Antonio Malcarenhas, D. Fernando Telles de Faro, e outros mais: tanto que abriraõ por força algumas portas, que acharaõ fechadas, chegaraõ todos à ſala, onde acharaõ a Duqueza de Mantua eſmorecida, e gritando de huma janella ao povo que lhe acudiſſe. Eſcuſada diligencia, ſe os noſſos Cavalheiros naõ foſſem igualmente valentes, que generoſos! Só com o valor poderaõ naõ attender ao decoro da Mageſtade, levados da conveniencia propria; mas ajudados igualmente daquelle eſpirito procuravaõ a utilidade publica, ſem offender o reſpeito: acçaõ, que ſó ſe acha em Alexandre para com Dario, e naõ em o Senado Romano para com o ſeu Ceſar. Advertiraõ os noſſos Libertadores decoroſamente à Duqueza, que ſocegaſſe: mas ella levada do melindre de Senhora, e do temor do ſexo; alèm de perſiſtir em aquietar o tumulto, como proximamente o tinha feito no alevantamẽto de Evo-

ra, diſſimulava a injuria para que naõ proſeguiſſem no intento: atè que vendo fruſtrado o ſeu deſignio, exclamou aſſim: Senhores, ſatisfeitas ficaõ as culpas, e as deſordens do miniſtro com a ſua morte, e naõ queirais que ao voſſo valor ceda a minha innocencia, que eſta empreza naõ he propria do voſſo alentado brio, nem taõ pouco digna do voſſo naſcimento: aviſarey a ElRey Catholico do ſuccedido, e farey com q̃ elle naõ ſó perdoe, mas antes agradeça livrar-ſe eſte Reyno dos exceſſos do Secretario. Eſtava boa a ſatisfaçaõ, ſenaõ foſſe adiante o projecto dos noſſos Cavalheiros. Acabava de dizer eſtas palavras à Duqueza, quando o Arcebiſpo Primaz D. Sebaſtiaõ de Mattos de Noronha, que entaõ ſervia de Preſidente do Paço, fazendo-ſe ao encontro, começou a proſeguir com o meſmo eſtylo aquelle affecto, que ſempre tivera ao governo de Caſtella mais por ambiçaõ, que por zelo, defeito que em hum Prelado naõ tem deſculpa; e mais quando ſe tratava da reſtauraçaõ da Patria. Porèm ſoube-o atalhar a reſoluçaõ de alguns dos noſſos Libertadores, e naõ ficára ſem caſtigo a ſua culpa, ſe D. Miguel de Almeida naõ fizera com os proprios confidentes, q̃ eſtiveſſẽ por outro acordo,

do, muito diverſo do que elles tinhaõ. Retirou-ſe o Arcebiſpo, parecer que muito antes devia tomar, por naõ pôr em contingencia o reſpeito, mas a Duqueza foy proſeguindo com eſpirito varonil as primeiras perſuaſões, aſſegurando com repetidas inſtancias o perdaõ de Filippe. Ao que lhe reſponderaõ: Que naõ tinhaõ feito aquelle exceſſo para caſtigar hum ſó homem, taõ vil, os mais nobres de Portugal; mas que já naõ conheciaõ outro Monarcha, que o Sereniſſimo Duque de Bragança, e por tal o haviaõ acclamado. Fizeraõ taõ má aceitaçaõ na Duqueza aquellas palavras, que a todos ſe fez manifeſta a ſua grande paixaõ pelo deſacordo, com que foy continuando a ſua pratica, humas vezes chamando atrevimento ao que era brio, e outras vezes pertendendo offuſcar os reſplandores da nova Mageſtade: de ſorte q̃ foy preciſo a D. Carlos de Noronha opporſe-lhe menos attẽto: que a gravidade da materia, q̃ ſe tratava, naõ neceſſitava de menos reſoluçaõ. Socegada a Duqueza daquella imprudente colera, porque em fim conhecia ſer ſó eſte o unico meyo de poder conſervar-ſe, lhe pediraõ paſſaſſe ordem ao Governador do famoſo Caſtello de S. Jorge, que era D. Luiz del

Campo,

Campo, naõ fizeſſe movimento algum na artelharia, que podera jogar em grande prejuizo da Cidade: promptamente obedeceo o Governador, e o meſmo fizeraõ os que governavaõ as Torres, entregando-as ao dominio Portuguez, o que ſe conſeguio ſem reſiſtencia alguma: excepto a de S. Giaõ, que depois da vinda d'ElRey, por induſtria do Conde da Torre D. Fernando Maſcarenhas, que alli eſtava prezo por culpas nunca verificadas, ſe entregou. Vendo já os Conjurados felizmente conſeguidos os principios da liberdade, deſceraõ quaſi todos ao Terreiro do Paço, e dalli foraõ por toda a Cidade repetindo em altas vozes o nome do Rey natural, que tinhaõ acclamado, ao que o povo com lagrimas de alegria naõ podia dar credito, parecendo-lhe ſonhada aquella gloria; e que eſtavaõ ainda metidos no grande lethargo de tantos annos, em que viveraõ como em hũa continuada noite. Porém tanto que viraõ a verdade do ſucceſſo, todos ſe alvoraçaraõ, e alegres davaõ os parabens huns aos outros de haverem recuperado aquella liberdade, que tanto tempo havia gemido debaixo do Sceptro Heſpanhol; rendendo juntamente as graças à Divina Providencia de verem ao Deos

das

das vitorias deſpregar o braço da Cruz, confirmando aſſim quanto ſe havia feito naquelle dia feliciſſimo, e eſtabelecendo a promeſſa, que o meſmo Senhor ſe dignou fazer a El-Rey D. Affonſo Henriques.

Volo in te, & in ſemine tuo Imperiũ mihi ſtabelire. Brit. 1. part. da Chronic. de Ciſt. lib. 3. cap. 3. citado pelo doutiſſimo Bernardes em o 5. tomo da ſua Floreſt. tit. 3 pag 120.

Entretanto que o povo ſe engolfava neſtas, e outras demonſtraçõẽs de contentamẽto, ſe mandou a noticia da Acclamaçaõ a Villa-viçoſa, onde aſſiſtia o Sereniſſimo Duque de Bragança, já Rey de Portugal; que eſtimando a ſómente pela utilidade, que della ſe ſeguia a todo o Reyno, partio logo para Lisboa, cabeça de hum Reyno já feliz, que ancioſamente deſejava ter em ſi aquella auguſta Coroa. Naõ tardaraõ muitos dias, que eſta naõ viſſe completos os ſeus deſejados intentos. Calo aqui a grande alegria, que recebeo com a chegada do ſeu novo Monarcha, porque me parece q̃ mais ſe pondera cõ a muda admiraçaõ, do que ainda com todo o encarecimento: nem ſe podia eſperar dos affectuoſos animos de ſeus leaes Vaſſallos, que com a preſença daquella fulgentiſſima Eſtrella naõ rompeſſem em repetidos jubilos; e mais, vendoſe por ella no zenith da ſua mayor felicidade, já eſtimados da fortuna, e já poſſuidores da ſua antiga gloria. E que vos parece, aonde ſe enca-

encaminhará agora o meu projecto? Differentes foraõ os ſucceſſos, e todos glorioſos, os que dahi ſe ſeguiraõ: porém que acçaõ de mayor Valor viraõ os ſeculos paſſados, e que theatro de mayor vitoria, que o que vio o Mundo em Portugal pela Acclamaçaõ do Senhor Rey D. JOAM IV. novo Fenix, em que renaſceo a gloria Portugueza! Deſtruidas ſe achavaõ as forças, exhauſtos os theſouros, e nos extremos da mayor conſternaçaõ viviaõ os Portuguezes naquelle tempo, em que emprehenderaõ acçaõ taõ glorioſa; e o meſmo foy emprehendella, que conſeguilla, tendo contra ſi huma naçaõ formidavel a todo o Mundo: e o meſmo foy conſeguilla, que gozarem da mayor felicidade, que nem ainda nas hiſtorias ſe acha ſemelhante. Oh admiravel Valor, a quem os Portuguezes devem o heroico daquella empreza, e o mayor eſplendor da ſua fama! Agora porey a coroa a eſte Diſcurſo dizendo, o que cantou o ſeu Principe dos Poetas em abono do Valor da meſma naçaõ Portugueza:

Camoes Cant 1. Eſtanc. 3.

Cale-ſe de Alexandre, e de Trajano
A fama das vitorias, que tiveraõ:
Que eu canto o peito illuſtre Luſitano,
A quem Neptuno, e Marte obedeceraõ.

Mas

Mas aonde me arrebata o penſamento, quando o Valor endurecido com as armas, naõ póde formar taõ delicados conceitos, e tambem quando nos teus elogios ſe tem empregado as mais diſcretas pennas de todas as nações, como a cada paſſo encontramos pelos livros? Eſte ſerá hum dos motivos para que nẽ ainda repita o dia, e anno deſta tua mayor vitoria. Diſſe o Valor.

Muito ſem duvida tem dito o Valor: mas naõ he menos digna da voſſa attençaõ a Prudencia. Hum dia, diz ella, teria de duraçaõ aquelle valeroſo lance da fidelidade Portugueza, ſe a Prudencia militar, e togada o naõ aſſeguraſſe com as reſoluções politicas, e cõ os feitos marciaes. Parecerá apaixonada a propoſiçaõ, porèm naõ me cenſureis ſẽ me ouvires. Alegres já os Portuguezes cõ o ſeu deſejado Monarcha, Principe, a quẽ ainda pelas ſuas virtudes de juſtiça ſe lhe devia a Coroa, e contente eſte Senhor de ter huns Vaſſallos taes, que de boa vontade lhe offereciaõ as vidas, e as fazendas, ſe paſſaraõ os primeiros tempos, ſem que nas fronteiras ſe ouviſſe o eſtrondo da guerra: depois mudando-ſe eſtes, ſempre inconſtantes pela ſua volubilidade, perverteraõ aquella ordem, occa-

ſionando tudo o intereſſe de Caſtella, que tinha os olhos no Imperio, que pouco antes lhe era ſojeito; perſuadindo-ſe, que à força de armas o traria novamente em cadeas ao ſeu dominio. Por eſta cauſa neceſſitava-ſe de ſoldados q̃ compozeſſem exercitos para todas as noſſas Provincias, e dos mais apreſtos, de que eraõ preciſos para taõ difficultoſa guerra. E quando parecia que nada ſe havia eſperar de hum Reyno attenuado com tributos, e opprimido com a tyrannia, e ſoberba do dominio Caſtelhano; foy para admirar com quanta promptidaõ entraraõ os Portuguezes a dar moſtras da ſua admiravel Prudencia: naõ falo dos proprios diſpendios, com que cada hum rendia vaſſallagem ao ſeu auguſto Monarcha, a fim de ajudar a nova preparaçaõ; que a neceſſidade faz os bens communs entre os Vaſſallos, quanto mais para com a Coroa: e era para ver o grande numero; que voluntariamente concorria a aſſentar praça, taõ ſómente obrigados do zelo, e da honra. Os meſmos pays conduziaõ os filhos, e elles juntamente os acompanhavaõ para ſe aliſtar debaixo das meſmas bandeiras; ſem repararem nos annos, que os eſcuſavaõ daquella laborioſa fadiga, e dos trabalhos de

que

que está isenta por inutil a idade provecta. Em fim em menos tempo, que poderamos tal vez imaginar, se completaraõ os soldados de que careciamos. Mais se haveriaõ mister, se nos regulassemos pelo numero dos inimigos: mas o excesso naõ consiste principalmente no grande numero, quando sempre foraõ menos os gigantes, do que os homẽs de vulgar estatura. Entrou ElRey a guarnecer as praças das nossas fronteiras, onde se podia recear o mayor damno, pondo nellas Officiaes de grande nome; eleiçaõ, que a experiencia mostrou acertada: mandando passar para a Provincia do Alentejo a D. Affonso de Portugal, Conde do Vimioso, a quem depois da Acclamaçaõ logo dera o posto de Capitaõ General de todo o Reyno. Nomeou a D. Joaõ da Costa para Governador da Praça de Elvas, aquella fortificaçaõ celebrada em toda a Europa, a quem depois as suas Linhas deixaraõ dos Hespanhoes huma das mais importantes, e esclarecidas victorias: para a de Moura Francisco de Sousa, para a de Castello de Vide D. Nuno Mascarenhas, para a Beira D. Alvaro de Abranches: e assim foy distribuindo cõ geral applauso aquelles Cabos, que lhe pareceraõ mais

benemeritos, huns que tinhaõ eſtudado a arte militar pelos livros, outros pelos duros trabalhos da guerra. Obedientes em tudo às diſpoſições do ſeu Soberano, caminharaõ todos com intrepida reſoluçaõ a occupar os deſtinados poſtos, porque juſtamente mediaõ o ſeu brio pelas ſuas forças.

Já neſte tempo os Caſtelhanos procuravaõ diſputarnos, com a eſpada na maõ, a liberdade. Foy o primeiro, que rompeo a ſuſpenſaõ das armas, o Marquez de Toral, porque ſahindo a ronda de Elvas com menos cautela do que coſtumava, taõ ſómente com dez ſoldados da Companhia de D. Rodrigo de Caſtro, achou outros tantos Caſtelhanos, que os provocaraõ a eſcaramuça. Os noſſos naõ turbados daquelle accidente, os ataca-raõ com brioſa reſoluçaõ: porèm prevaleceo neſte ſucceſſo o eſtratagema ao valor, ſahindo contra os noſſos trinta Caſtelhanos, que eſtavaõ emboſcados: do que ſuccedeo ficarem dos dez, ſeis prezioneiros, ſalvando-ſe tres, e ficando hum com honrada morte, que foy Roque Antunes, o primeiro martyr deſta guerra, que deu a vida pela gloria da Patria: porque querendo-lhe os inimigos dar quartel, com tanto q̃ diſſeſſe: Viva ElRey D. Fi-

Mello na Vida do Cond. das Galveas lib. 1. §. 48.

Filippe, elle eſtimando em menos a morte, que o brio, antes quiz ir ao templo da Fama celebrar os vivas do ſeu Monarcha; acçaõ q̃ o farà immortal na memoria dos homens. Daquelle que pareceo deſairoſo principio da noſſa defenſa, tomaraõ as noſſas armas occaſiaõ para os ſeus aventajados progreſſos, humas vezes incitando os Capitães aos ſoldados a vingarem-ſe das offenſas, outras a aſſinalarem-ſe no Valor. O deſaggravo daquella acçaõ tomou em Elvas á ſua conta Matthias de Albuquerque, Soldado de grãdes experiencias na guerra do Braſil, o qual fazia alli as vezes do Conde do Vimioſo: e uſando por hũ pouco de prudente diſſimulaçaõ, fez com que os Caſtelhanos ſatisfeitos da preza tornaſſem ao meſmo ſitio. Parecendo a Matthias de Albuquerque ſer eſta occaſiaõ conveniente, fez ajuntar a ſoldadeſca, que lhe pareceo de mayor confiança, e mandou marchar Gaſpar de Cerqueira a provocar a Cavallaria inimiga, a que o carregaſſem; porèm entendendo os Caſtelhanos, que era embuſcada, apenas ſuſtentaraõ hũa leve eſcaramuça, quando logo ſe retiraraõ todos com menor valor, que poderamos conjecturar, depois de ficarem de melhor partido naquelle primeiro

meiro recontro. Voltou Matthias de Albuquerque com a ſua gente para Elvas, ſenaõ ſatisfeito de triunfos, ao menos deſprezador dos perigos, circunſtancias, que naõ faz aos ſoldados menos glorioſos: de que reſultou aos moradores da Cidade ficarem contentes, poſto que ainda naõ pagos do atrevimento.

Demos principio a eſte ſucceſſo, porque foy o primeiro, que tiveraõ as noſſas armas, nem he o meu intento ſeguir humas acçõeſ às outras na ordem do tempo, porque naõ determino fazer hiſtoria de Portugal: tanto por ſer já emprego de melhores Pennas, e ſinaladamente dos dous incomparaveis Condes da Ericeira D. Fernando, e D. Luiz de Menezes; como, porque para o meu projecto baſta aſſinalar algumas, donde ſe poſſa agora colligir a grande Prudencia militar, com que os Portuguezes poucos, e mal diſciplinados pela mayor parte, ſouberaõ acautelar-ſe dos damnos, acometter a fortuna, e deſprezar os perigos, dirigindo-ſe as ſuas acçõeſ ao melhor acerto pela ſabia direcçaõ dos ſeus Capitães, motivo que os fez conſeguir o mayor nome. O meſmo eſtylo obſervarey depois nas acçõeſ politicas que fizeraõ illuſtre o reynado do meſmo Principe. Iſto

ſuppoſto,

ſuppoſto, vamos tecendo o fio da noſſa hiſtoria, ſem nos apartarmos do Alentejo, melhor throno da Bellona Portugueza, Provincia onde cõ mais aſſinalado Valor ſuſtiveraõ os noſſos ſoldados o mayor impeto do inimigo. Teve noticia o Conde de Monte-Rey, Governador das armas de Caſtella, por Sebaſtiaõ Correa, primeiro ſoldado que naquelle tempo fogio para Caſtella, e que brevemente vio o caſtigo da ſua infidelidade, que a praça de Olivença, donde era natural, ſe achava ſem fortificaçaõ, e ſem gente, que a fizeſſe defenſavel; e por eſta cauſa para ganhar a vontade ao General Caſtelhano, lhe fez facil a empreza, dizendo-lhe: Que a podia render a pouco cuſto, e que ſeria o primeiro que déſſe exemplo aos mais, para que entrando em Portugal, tornaſſem a unir as Heſpanhas ao dominio Caſtelhano. Levado o Conde daquella noticia, e de algumas acções, que tinha obrado antecedentemente, juntou em Badajoz oito mil infantes, e dous mil cavallos com os petrechos neceſſarios, fazendo marchar adiante quatrocentos cavallos a impedir qualquer ſoccorro, que chegaſſe à Praça, e a tirar dos poſtos as ſintinellas da ronda, de ſorte, que ſe naõ perſentiſſe a marcha,

cha, que faziaõ. Aſſim o executaraõ, e pondo fogo às ſementeiras, que já eſtavaõ maduras, ſe retiraraõ os quatrocentos cavallos a encorporar-ſe com o exercito, que já vinha marchando para Olivença. Franciſco de Mello, Governador daquella Praça, que naõ ignorava as diſpoſições do inimigo pela noticia de cinco Irlandezes, que alli chegaraõ, repartio os ſoldados, e a mais gente da Praça pelos lugares convenientes, animando-os de tal ſorte, e dando-lhe ordens taõ prudentemente conſideradas, que podeſſem ſuprir todos com o Valor a arte, e augmentar as forças com as diſpoſições do vigilante Capitaõ. Aſſim eſperava por inſtantes o Governador o exercito inimigo. Naõ tardou muito tempo, que eſte chegaſſe ſobre Olivença, alojando-ſe junto ao ſitio de Ferrarias, por aquella parte, onde ſe fazia mais difficultoſa a deſẽſa, por naõ eſtar ainda acabada huma trincheira. Aſſeſtaraõ logo os Caſtelhanos duas peças de artilharia, mas naõ ſe deſanimando Franciſco de Mello com eſte damno, antes cada vez mais empenhado a moſtrar aos Heſpanhoes, que era ſuperior a todos os perigos a grande diſciplina militar, q̃ o ennobrecia, fez jogar contra o exercito contrario a

pouca

pouca artilharia, que havia na Praça, de que reſultou taõ grande effeito, que baſtou para o fazer deſiſtir da empreza. Reſolveraõ-ſe com tudo os Caſtelhanos atacar hum poſto exterior, mas foraõ rechaçados por algumas mangas de Moſqueteiros, e felizmente os fizeraõ largar o campo em paga daquella ſegunda ouſadia. Vendo o Conde mayor reſiſtencia do q̃ ſuppunha, attribuindo aquella deſgraça á perſuaſaõ de Sebaſtiaõ Correa, como ſe elle naõ fora culpado em lhe dar inteiro credito, ſe reſolveo a retirar-ſe com perda muy conſideravel, tanto dos ſoldados, e dos melhores Officiaes, que alli renderaõ os ultimos alentos, como da ſua reputaçaõ, que vio taõ abatida. Por occaſiaõ de hum tal ſucceſſo fora juſto celebrarmos aqui com Epinicios eſta vitoria, porèm para mais goſtoſas noticias ſe multiplicaráõ os voſſos jubilos: deixai-me expor aos voſſos olhos outras acções, que reguladas pela Prudencia foraõ teſtimunho do mais qualificado valor: e tende promptas as voſſas citharas para cantares aquella gloria, que foy para os Portuguezes mais illuſtre defendendo a Patria, do que para Scipiaõ a vitoria de Carthago, ſojeitando a ao Imperio Romano.

As diſpoſições do Conde de Monte-Rey tiveraõ taõ maos ſucceſſos, que já na Corte de Madrid era tido por pouco afortunado: por cujo motivo ancioſo de emendar a opiniaõ com a vitoria, naõ perdeo do ſentido a interpreza de Olivença, eſquecido de que elle lhe deixara pouco antes na retirada taõ conſideraveis deſpojos. Para iſſo mandou ajuntar dous mil cavallos, e ſeis mil infantes, os quais fez logo marchar, e com tal cautela, que ao paſſar a ribeira, que fica para baixo de Valverde, pouco diſtante donde os encaminhava a ſua derrota, naõ foraõ perſentidos das ſintinellas da Praça. Chegaraõ finalmente a Olivença tres horas antes de amanhecer, e foy taõ repentino eſte accidente, que naõ deu lugar aos da Praça para mayores prevenções, do que para correrem ainda deſacordados às muralhas, e aos baluartes, que os Caſtelhanos atacaraõ com grande impeto: aqui ſe aſſinalaraõ os Portuguezes com tanto valor, quanto podereis colher do fim deſta glorioſa acçaõ. A's vozes dos Caſtelhanos, e ao eſtrondo das balas, acodio Rodrigo de Miranda, Governador da Praça, que ſuccedeo a Franciſco de Mello, acompanhado de Manoel de Souſa, e de outros Officiaes, que fizeraõ

raõ guarnecer as entradas das ruas, e com hum corpo de Infantaria da que ſe vinha ajuntando, carregaraõ valeroſamente aos Caſtelhanos: durou o conflicto atè amanhecer, e tanto que eſtes viraõ com as luzes da manhãa o lamentavel eſtrago, que nelles tinhaõ feito as noſſas armas, ſe retiraraõ com perda de quatrocentos ſoldados entre feridos, e mortos, em que entravaõ Cabos de importancia, e de conhecida qualidade. Tal foy o ſucceſſo, q̃ o Conde de Monte-Rey vio das ſuas mal fundadas eſperanças, e aſſim ſe vingou das injurias, que lhe fazia o esforço dos noſſos ſoldados, regulado ſempre pela Prudencia dos Generaes. Naõ pararaõ aqui os infelices ſucceſſos do Conde de Monte-Rey, ainda ſe lhe prepararaõ mayores precipicios, juſto caſtigo da ſua temeridade.

Deſenganado o Conde da ventagem, cõ q̃ ſempre ficavaõ glorioſos os noſſos Capitães, e do feliz ſucceſſo, q̃ conſeguiaõ em todas as emprezas militares, naõ deixava meyo algũ, por onde podeſſe buſcar a noſſa ruina: inutil era o empenho, pois quanto mais nos deſejava abater, tanto mais nos elevava a Fortuna atè ás eſtrellas. Por tanto fez ajuntar tres mil infantes, e mil e quinhentos caval-

los, com intento de marchar para Elvas: poz em marcha o exercito, e paſſando o Caya, fez alto nas vinhas da Terrinha, lugar, que facilmente podiaõ deſcortinar as ſintinellas da noſſa ronda, as quaes logo fizeraõ aviſo aos da Praça. Teve Martim Affonſo de Mello eſta noticia, e fez montar as tropas, que entregou ao governo de D. Joaõ da Coſta, e elle levantando-ſe da cama, onde eſtava ſangrado, foy para o outeiro de S. Luzia a ver o ſucceſſo daquelle conflicto. D. Joaõ da Coſta deſempenhou de tal ſorte as eſperanças, com que foy mandado, que como ſe foſſe diſcipulo da eſcola de Alexandre, ou de Ceſar, ou tiveſſe militado com elles, conheceo, e zombou das aſtucias dos Caſtelhanos: atè que carregando-o eſtes cõ tres companhias, tal foy o impeto, com que os noſſos as rebateraõ, que ao meſmo tempo que hum regimento inimigo, que era de Dragões, ſe foy a deſmontar para dar a carga com os moſquetes, os noſſos paſſaraõ logo cem á eſpada, naõ os podendo livrar deſte eſtrago, nem ſoccorrellos as tropas, que o Conde de Monte-Rey, e D. Joaõ de Garay, tinhaõ emboſcadas. Do monte da Terrinha as deſcobrio a noſſa Atalaya, e dando ſinal, ordenou logo

D.

D. Joaõ da Coſta os ſoldados, que andavaõ vagamente pelo campo aproveitando ſe dos deſpojos dos Caſtelhanos mortos, e occupando a entrada dos olivaes, meteo a Infantaria em duas tapadas, e eſta deu tanto á tempo, e taõ felizmente hũa carga nas tropas Caſtelhanas, que vinhaõ pela eſtrada, que receberaõ grande damno, cahindo muitos delles ſem vida, entre choveiros de balas. Quizeraõ os Caſtelhanos ainda ſuſtentar a eſcaramuça, mas rechaçados por D. Rodrigo de Caſtro, tiveraõ por mais ſeguro retirar-ſe offendida a reputaçaõ, ſó por naõ experimentarem a ira dos vencedores, juſtamente provocada das ſuas offenſas. Eſte foy o celebre recontro dos olivaes de Elvas, de que o Conde de Monte-Rey naõ tirou mais gloria, do que aquella, que havia imaginado. Voltou emfim para Badajoz, onde o eſperavaõ com pouco ſuſto da ſua deſgraça, porque o coſtume dos ſeus maos ſucceſſos tinha influido no animo de todos huma perpetua reſignaçaõ na fortuna contraria.

Entre eſtas grandes acçõeſ he celebrada com diſtinctos elogios a batalha do Montijo. Tu, ô Prudencia, parece que te deſcuidaſtes de aſſiſtir ao valeroſo Matthias de Albuquer-

que

que na diſpoſiçaõ do exercito, mas foy para que fizeſſes mais illuſtre a ſua gloria: porque carregando os Caſtelhanos, governados pelo Baraõ de Molinguen, o noſſo lado eſquerdo, que acharaõ deſcuberto, e occupando o campo, q̃ tinhamos deſamparado; emendou o General a confuſaõ das tropas deſordenadas, compondo novamente o exercito, em que moſtrou com grandes ventagens da ſua fama, que aquelle primeiro deſcuido fora ſómente para depois moſtrar mayor Prudencia, e que com ella ſabia alcançar vitorias, e vencer batalhas quaſi perdidas. Aſſim foy, porque inveſtindo novamente os Caſtelhanos, que andavaõ occupados no deſpojo do campo, recuperou logo a artilharia, que D. Joaõ da Coſta, depois Conde de Soure, fez jogar felizmente contra os inimigos. Eſtes attonitos, e confuſos, naõ podendo reſiſtir ao impeto dos vencedores, lhe cederaõ a Coroa, retirando-ſe taõ apreſſadamente, que muitos ſe afogaraõ na Guadiana. Cuſtou aos Portuguezes eſta vitoria novecentos ſoldados: os Catelhanos ſe retiraraõ com perda de mais de tres mil, em que ſe naõ contaõ muitos Capitães de nome, que lhe fizeraõ mais ſenſivel aquella perda, a nòs mais glorioſa.

Em

Em quanto os Caſtelhanos ſe confundiaõ com eſtas, e outras fatalidades, ſe davaõ os noſſos a celebrar as vitorias, que contavaõ pelos conflictos. Premiavaõ ſe os noſſos ſoldados que com melhor acerto procediaõ na peleja: e os mais ſe animavaõ para merecerem as honras, que ſe alcançaõ na guerra. Eiſaqui para que ſerve nos exercitos a regularidade, nas acções a ſciencia militar nos ſoldados, e o valor, que ſe naõ funda em temeridade: quando ha eſtes principios logo ſe ſeguem aquelles glorioſos fins, a que todos aſpiraõ. Senaõ fora a Prudencia, aquella meſtra das acções humanas, por onde continuamente dirigiamos as noſſas, menos funeſtos ſeriaõ os ſucceſſos de Caſtella, menos illuſtres os de Portugal. Se Fabio Maximo naõ foſſe taõ prudente como valeroſo, talvez que entraſſe Annibal triunfante no Capitolio: competio a fortuna, e o peito esforçado do grande Carthaginez, com a Prudencia militar daquelle inſigne Capitaõ Romano, e baſtou eſta para fazer parar huma corrente de vitorias, tinta com o ſangue derramado em Canas, e em Traſimeno. Deſta ſorte, illuſtres Portuguezes, dais hoje aſſumpto ás melhores hiſtorias, e nome á melhor fama: porque

que tendo por voſſa parte o favor Divino manifeſto no milagre do Sacroſanto Crucifixo, o Ceo vos deu huns Capitães dotados de tanta Prudencia, e animados de taõ heroico Valor, que nunca receaſtes, que o pequeno numero dos voſſos ſoldados competiſſe com huma naçaõ taõ poderoſa, que no Mundo ſe tinha feito formidavel pelas armas; quebrando-lhe os brios, e eſcurecendo-lhe a gloria, que em muitos annos tinhaõ alcançado no Mundo. Tanto devemos aos dous famoſos Heroes Matthias, e Andrè de Albuquerque, a Joanne Mendes de Vaſconcellos, a D. Joaõ da Coſta, a D. Franciſco de Mello, Monteiro mòr, a D. Rodrigo de Caſtro, a D. Sancho Manoel, e a outros muitos, que tanto ſe aſſinalaraõ neſtes primeiros annos da noſſa liberdade, aſſegurando-a com incriveis trabalhos, para que agora nos ſirvaõ de credito as ſuas proezas, e ennobreçaõ a Patria, de quem foraõ defenſores, e filhos benemeritos.

Reguladas aſſim as acções militares dos noſſos Portuguezes, naõ menos ſaõ para admirar as politicas, q̃ ſe obraraõ cõ ardente zelo da piedade, e em obſequio da obediencia. Duas ſómente tenho para vos referir, e com

ellas

ellas rematarey eſta ſegunda parte, porque ſervindo de eſmalte á gloria Portugueza, ſeraõ a coroa deſte meu pequeno trabalho. A primeira acçaõ, que juſtamente precede a todas, primeira em tudo pelo objecto a que ſe dirige, foy, quando nas Cortes do anno de mil e ſeiscentos e quarenta e ſeis ſe declarou por Soberana Protectora, e Padroeira dos Reynos, e Senhorios de Portugal a puriſſima Virgem MARIA na ſua Immaculada Conceiçaõ. Imitou niſto o Senhor Rey D. JOAM o IV. a ſeu invicto progenitor ElRey D. Affonſo Henriques, que dedicou o Reyno à protecçaõ da Senhora do Claraval no meſmo dia de vinte e cinco deMarço, em q̃ muitos ſeculos depois ſe lavrou eſte novo Decreto. Cõ o exemplo daquelle grande Monarcha perſuadio-ſe o inclyto Reſtaurador da noſſa liberdade, que o meyo mais efficaz para ſe eſtabelecer o noſſo Imperio, era aquelle Soberano patrocinio: porque como a Senhora ſempre cheya de graça, no ſeu primeiro inſtante triunfou do poder do abyſmo; aſſim Portugal debaixo da protecçaõ da meſma Senhora naquelle myſterioſo titulo, podeſſe ſer invencivel, e ſe conſervaſſe na ſua primeira grandeza, a pe-

Mille clypei pẽdent ex ea. Cant. 4. verſ. 4.

zar de todos os ſeus contrarios. Admiravel eleiçaõ! pois ſó á ſombra daquella fortiſſima Torre de David podiamos ficar defendidos com os mil eſcudos, que eſtaõ pendentes das ſuas muralhas. Foy o dia deſtinado para o Juramento Domingo de Ramos do referido anno: dia, em que com ſingular circunſtancia ſe fazia memoria da Annunciaçaõ da Senhora. Celebrou-ſe eſte acto na Capella Real em preſença de toda a Corte: que era bem ſe feſtejaſſe a Rainha dos Ceos, onde tinhaõ lugar as Mageſtades da terra. O primeiro, que nos deu exemplo neſta piedoſa acçaõ, foy ElRey com o Infante D. Affonſo, lido primeiro o Decreto pelo Secretario de Eſtado, e depois a fórma do Juramento. Seguiraõ-ſe os Fidalgos pela ſua ordem: e os Biſpos aſſiſtentes, que eraõ o Capellaõ mòr, o de Coimbra, o do Algarve, o da Ilha da Madeira, e o de Targa, fizeraõ a meſma ceremonia com as mãos ſobre as Cruzes peitoraes. Acabou-ſe eſta ſolemnidade com alternadas muſicas, e outras demonſtraçõeſ de alegria: e deſde logo aſſim como hiaõ ſuccedendo os filhos aos pays, aſſim foraõ competindo nas veneraçõeſ deſte ſagrado Myſterio: mas ainda que nos pareça, que

Soledade, Hiſtor. Seraphic. 5. part. lib. 4. cap. 5.

temos

temos accreſcentado muito ás antigas, mayores ſem duvida as admiraráõ os tempos futuros. Naõ paſſaraõ muitos dias, que El-Rey naõ fizeſſe o meſmo aviſo às partes principaes do Reyno, principalmente ás Univerſidades, para q̃ os ſeus Academicos juraſſem nos ſeus gráos a Immaculada Conceiçaõ da Senhora: como antes o tinhaõ feito Pariz, Salamanca, Alcalá de Henares, Sevilha, Valhadolid, Oſſuna, Valença, Caragoça, Hueſca, Saona, e outras muitas. Executaraõſe os Reaes Decretos com geral applauſo: e na noſſa Athenas Conimbricenſe o primeiro, que jurou a gloria deſte Myſterio, ſoy o Reytor Manoel de Saldanha, entaõ Biſpo eleito de Viſeu, a quem a nobreza herdada pelo ſangue, e adquirida pelas virtudes, e ſciencias fizeraõ taõ empenhado nos cultos deſta ſolemne acçaõ, que a deixou memoravel nos faſtos da noſſa Univerſidade. Grandes foraõ os creditos, grandes as utilidades, que reſultaraõ a Portugal deſte admiravel patrocinio: e os que ledes as noſſas Hiſtorias, bem ſabeis, que depois, que recebemos a Senhora da Conceiçaõ por noſſa advogada, tem florecido tanto eſta Monarquia, que ſendo das mais pequenas da Europa, póde

P. Novaes no ſeu Lili. pag. 351.

O meſmo Autor pag. 358.

competir com as mayores do Mundo: o que ſervirá para nos empregarmos cada vez mais nas adorações deſte Myſterio. Bem o experimentou Heſpanha, vendo, que naõ correſpondiaõ os progreſſos militares ás ſuas ideas, e que as acções felices de Portugal ſe hiaõ ſeguindo humas ás outras. A meſma Senhora claramente o moſtrou ſempre com prodigios, e muito principalmente na bem diſputada vitoria de Montes-claros, que foy a ultima com que ſe deſenganaraõ os Caſtelhanos, tantas vezes vencidos, que naõ podiaõ conquiſtar a Portugal; porque o nome, que ſe deu na Batalha, foy a puriſſima Conceiçaõ da Rainha dos Anjos: para que viſſemos aſſim, que quando a invocámos por Padroeira, e Defenſora, aceitou benignamente os noſſos obſequios, e attendeo pela conſervaçaõ do Imperio Luſitano: porque ſó deſte modo podia ſer, como foy, o dia da Acclamaçaõ auſpicaciſſimo, e venturoſo; como tambem o reinado daquelle Auguſto Monarcha, a quem os ſeus leaes Vaſſallos, ſempre prudentes pelas ſuas façanhas, lavraraõ o immortal padraõ da ſua gloria poſthuma.

Mello na Vida do Cond. das Galv. lib. 4. §. 24.

Vamos agora a outra acçaõ, menos nobre pelo q̃ reſpeita ao objecto, mas ſingular por

ſer

ſer fundada na melhor Prudencia: nome que tambem lhe dá o Conde D. Luiz de Menezes. Diſpoſtas as couſas do Reyno, como ſe fazia preciſo para a ſua conſervaçaõ, e augmento, determinou logo ElRey, como Principe de hum povo taõ Catholico, tributar aquella veneraçaõ á Igreja, por onde os ſeus antepaſſados tinhaõ alcançado a antonomaſia de Obedientes: perſuadindo-ſe que por eſta acçaõ taõ obſequioſa, alcançaria do Summo Pontifice, que entaõ era Urbano VIII. o reconhecello legitimo Monarca dos Reynos, e dominios de Portugal; como já o tinhaõ feito todos os ſoberanos da Europa. Por eſta cauſa foy mandado a Roma D. Miguel de Portugal, Biſpo de Lamego, com o caracter de Embaixador, varaõ digniſſimo de huma empreza taõ grande pelas ſuas letras; e Pantaleaõ Rodrigues Pacheco, para lhe aſſiſtir na expediçaõ dos negocios. Entrou o Embaixador em Roma, e naõ deixando de cauſar alguma perturbaçaõ naquella Corte a ſua chegada, o remetteo o Pontifice aos Cardeaes Franciſco, e Antonio Barbarinos, Caetano, e Panfylio, para com elles ſe tratarem os negocios da ſua inſtrucçaõ. Fizeraõ-ſe Memoriaes, divulgaraõ-ſe Manifeſtos, que con-

Ericeir. Portuz. Reſtaurad. lib. 3. pag. 161.

continhaõ a juſtiça da Sereniſſima Caſa de Bragança á Coroa de Portugal, e como o dominio Caſtelhano era violento, e intruſo; nos quaes eſperava o Biſpo de Lamego ter favoravel determinaçaõ da Curia para conſeguir audiencia do Pontifice. Mas como eſte receava, que ſe admittiſſe o Biſpo Embaixador, viria contra os Eſtados da Igreja o conſideravel poder, q̃ Caſtella tinha naquelle tempo em Italia, naõ foy ouvido, e ſe fruſtraraõ as juſtas negociações, que fazia ſobre eſta materia. Nem o attentado do Marquez de los Velles, que eſcandalizou os meſmos Cardeaes da facçaõ de Caſtella, e poz em armas a Curia Romana, pode facilitar a audiencia tantas vezes negada: antes tendo a ultima reſoluçaõ do Cardeal Biche, em nada favoravel aos ſeus projectos, ſe recolheo o Biſpo Embaixador para Portugal depois de hum anno de auſencia; onde já tinha chegado a noticia do bem que obrara naõ ſó na actividade, com que applicava as negociações, mas no valor com que ſe defendeo do Marquez, fazendo-o ſahir da carroça perturbado, e deſcompoſto. Conſideravaõ os Portuguezes o damno, que actualmente lhe reſultava daquella demora, e muito principalmente

palmente ElRey, que naquella pertençaõ ſe moſtrava com o mayor empenho: e como na terra naõ podia appellar para tribunal, em que mais benignamente ſe lhe deferiſſe, nem quizeſſe uſar dos meyos, que o Direito lhe permittia, pois ſe naõ confirmava a nomeaçaõ dos Prelados; hia vencendo eſtas contradições do tempo com huma Prudencia reverencial a todas as determinações do Sacro Collegio: venerando-as profundamente, como ſe nellas recebeſſe os deſpachos de mayor favor, e foſſem as ſuas ſupplicas mais bem ouvidas do Principe do Vaticano. Admiravel era a conformidade dos Vaſſallos com a obediencia do Monarcha: e pelas felicidades, que experimentavamos na campanha, podemos entender, que eſtas maximas Catholicas, e prudentes, foraõ taõ agradaveis a Deos, que ellas nos mereceraõ a conſervaçaõ do Imperio aſſegurado com taõ illuſtres vitorias.

Tenho ponderado as duas partes deſte Problema. Moſtrey na primeira em como o Valor Portuguez na Acclamaçaõ do Senhor Rey D. JOAM IV. foy taõ ſuperior a qualquer outro, ainda que ſeja dos Heroes antigos, quanto podereis inferir da ſingularidade

de daquella meſma acçaõ, fundada na indiſputavel juſtiça, que a Sereniſſima Caſa de Bragança tinha á Monarquia Portugueza, pela Senhora D. Catharina; pois repreſentava a ſeu pay o Infante D. Duarte, filho de ElRey D. Manoel de glorioſa memoria, q̃ ſe viveſſe, ſuccederia infallivelmente na Coroa, e naõ a Senhora D. Iſabel, filha tambẽ daquelle feliciſſimo Monarcha: e iſto naõ ſó em razaõ da preferencia do ſexo, mas porque ſe deſpoſou com o Emperador Carlos V. e viveo fóra da Patria nos dominios do Imperio: que he o caſo, em que ſe reſolveo nas Cortes celebradas neſta Univerſidade, no mez de Abril do anno de mil e trezentos e oitenta e dous, naõ pertencer a Coroa de Portugal à Infanta D. Beatriz, filha d'ElRey D. Fernando. E por iſſo Filippe II. de Caſtella naõ podia ſucceder neſta meſma Monarquia por ſer filho da Emperatriz D. Iſabel, a quem as leys fundamentaes do Reyno excluiaõ do Sceptro: no que concordaõ todos os Coryfeos da Juriſprudencia.

Maced. Luſit. Vindicat. pag. 7. & 8.

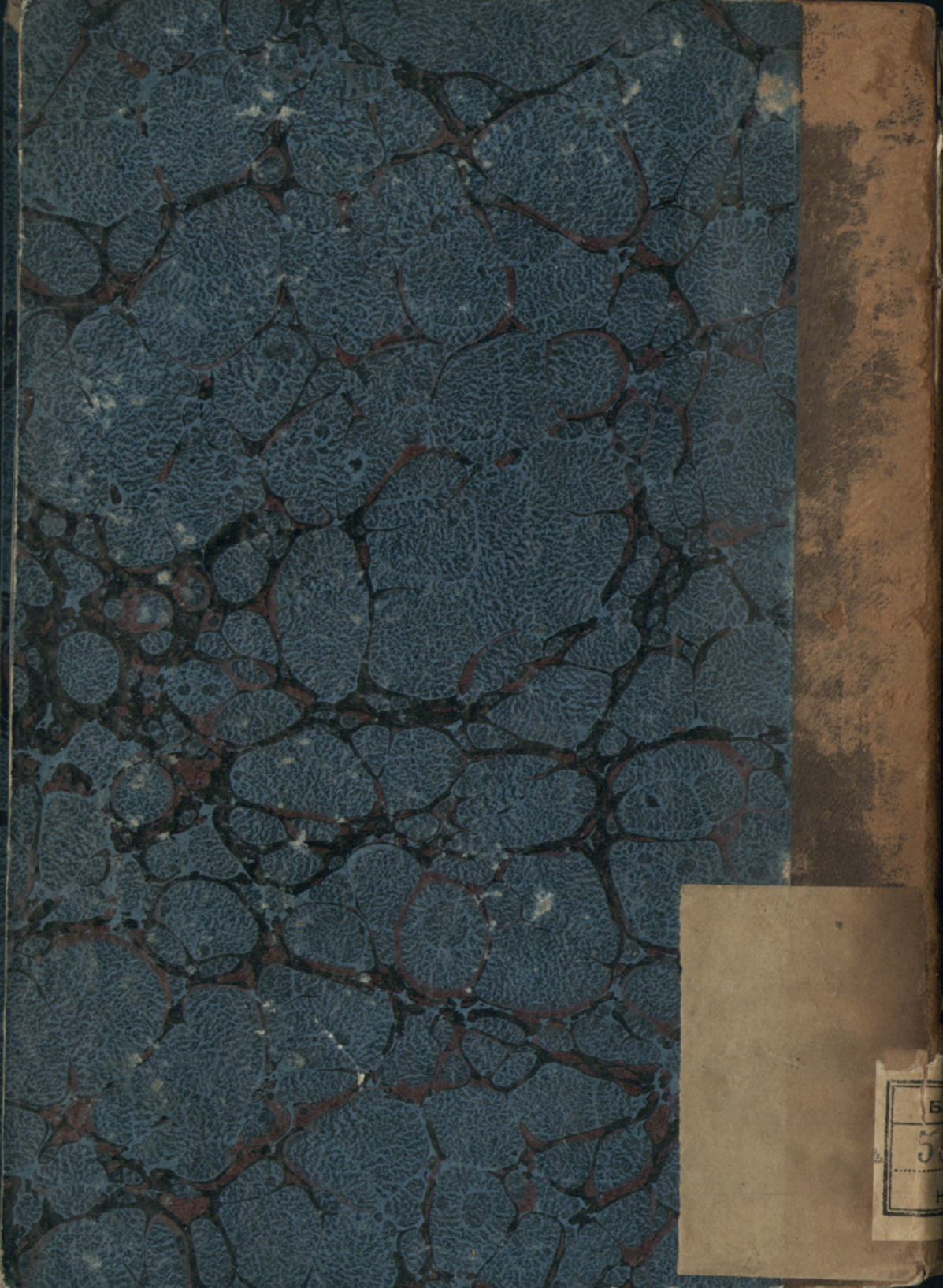
Moſtrey tambem na ſegunda parte em como aquellas acções, que os Portuguezes obraraõ no tempo do reynado do Senhor Rey D. JOAM IV. ou no governo politi-

co,

co, ou no militar, foraõ reguladas com admiravel Prudencia, donde ſe ſegue que por iſſo meſmo conſeguiraõ os melhores luſtres. Naõ me canſey em averiguar a mayoria, que a Prudencia, parte que me toca, levou ao Valor, porque ſaõ as razões taõ claras, de que eſta ſe favorece, q̃ naõ me ficára eſcrupulo em omittillas. A primeira: ainda conſiderada a Prudencia na razaõ commua, ſempre he ſuperior ao Valor, porque a Prudencia he operaçaõ do entendimento, e o Valor he acto da vontade: e quanto mais nobre he o entendimento, que a vontade, tanto eſta excede áquelle. Segunda, e mais propria ao noſſo intento: ninguem póde negar, que os fins ſaõ melhores, que os meyos, por ſerem aquelles o ultimo conſtitutivo de qualquer operaçaõ: aquellas acções, que dictou a Prudencia, foraõ as que aperfeiçoaraõ o ultimo fim da Acclamaçaõ: logo à Prudencia das acções militares, e politicas, e naõ ao Valor, com que os Portuguezes acclamaraõ o Sereniſſimo Senhor Rey D. JOAM IV. devemos as felicidades, que agora experimentamos: porque por ella conſeguimos o fim da noſſa liberdade; e ſem ella tudo ſe arruinaria, e naõ tirariamos por fruto da-

quella grande proeza, mais que o intentalla. E quanto agora nos he glorioſa, nos ſerviria entaõ da mayor injuria.

Tenho acabado o meu diſcurſo, doutiſſimos Academicos: e ſenaõ foſſe por obedecervos, certamente naõ aceitaria a honra, que me fizeſtes de me admittires à voſſa Sociedade, querendo hoje ouvirme diſcorrer em huma materia, que neceſſita de mais elegante penna. Bem ſey eu, que ainda naõ era digno de hum taõ difficultoſo empenho: mas ſe repartires comigo das voſſas luzes, ſó eſtas deſvaneceráõ as ſombras de tantos defeitos, para que mereça neſta Academia as voſſas attenções, de que he infallivel conſequencia a immortalidade da fáma.

Diſſe.

Laus Deo, & Matri Virgini ſine labe Conceptæ.